

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Giovana Rueda Barbosa

Arte, história e indumentária: Malinche e o Lenço de Tlaxcala.

Monografia apresentada à Graduação em História da
PUC-Rio como requisito para obtenção do título de licenciatura
e bacharelado em História.

Orientadora: Maria Elisa Noronha de Sá

Rio de Janeiro,
Junho de 2023

Agradecimentos

À minha família – de sangue ou não – que fez parte da minha trajetória a todo momento. Vocês apoiaram minha decisão de carreira, comemoraram a conquista da minha bolsa integral na PUC-Rio, leram meus trabalhos, me ouviram falar incansavelmente sobre Malinche e o Lenço de Tlaxcala, estavam dispostos a escutar cada detalhe sobre uma aula que achei incrível – acontecimento nem um pouco incomum. Obrigada por me impulsionarem, confiarem e acreditarem em mim. Cada um à sua forma sempre esteve ao meu lado compartilhando um ensinamento. Aprendo todo dia com vocês, que são meu porto seguro. Amo cada um de vocês com todo o meu coração.

Agradeço à PUC-Rio e ao Departamento de História pela oportunidade de participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), da primeira Residência Pedagógica de História da universidade, além do Programa de Educação Tutorial (PET).

Aos amigos do PET, um muito obrigada por me ajudarem a construir essa pesquisa, por todas as reuniões e momentos especiais. Um agradecimento especial à tutora Juçara Mello que, com muito afeto, está à frente do grupo. Obrigada por sempre estar conosco, por ser conforto e, quando necessário, puxar nossas orelhas. Meu carinho por você é imenso.

Cesar Tovar, você é o professor que me fez querer ser professora de História. Obrigada pelas inúmeras conversas quando eu tinha dúvidas sobre qual caminho seguir. Você é inspiração pura.

Marco Antonio Pamplona, sem você eu não saberia quem é Malinche e muito menos o que é o Lenço de Tlaxcala. Agradeço por me apresentar aos pilares da minha monografia.

Maisa Sá, obrigada por aceitar viver essa jornada junto comigo e ser minha orientadora. Saiba que suas palavras foram muito importantes para mim. Obrigada por me ajudar a dar os primeiros passos em uma pesquisa acadêmica, me sinto muito mais confiante para seguir.

Aos professores da PUC-Rio, tanto do Departamento de História quanto de outros, que me abraçaram durante a graduação, um imenso obrigada. Vocês facilitaram e tornaram mais prazerosa a minha vivência na universidade.

Resumo:

O seguinte trabalho visa analisar a representação de Malinche no Lenço de Tlaxcala, com enfoque especial à sua indumentária. Nos três capítulos apresentados, o leitor perpassa por um maior contato com a principal fonte da pesquisa, o Lenço; uma introdução de quem foi Malinche, quais eram suas funções e como se dava o processo de tradução; uma breve discussão sobre a importância – especialmente religiosa – da indumentária na mesoamérica no século XVI; análise do *huipil* de Malinche; e uma curta discussão sobre a construção de representações, além de alguns exemplos sobre nossa principal personagem.

Palavras-chave:

Palavras-chave: Malinche; Lenço de Tlaxcala; indumentária; *huipil*

Sumário

1. Introdução	6
2. Capítulo 1 – A <i>Conquista espanhola</i> e o Lenço de Tlaxcala	8
3. Capítulo 2 – La Malinche, Malintzin, Malinalli, Doña Marina	17
4. Capítulo 3 – Uma jornada pelos fios do Lenço de Tlaxcala e da indumentária mesoamericana	24
5. Conclusão	43
6. Fontes	47
7. Referência bibliográfica	48

Lista de ilustrações

Figura 1: Lenço de Tlaxcala.....	11
Figura 2: Manuscrito de Glasgow.....	14
Figura 3: Lâmina 3 do Lenço de Tlaxcala.....	14
Figura 4: Lâmina 4 do Lenço de Tlaxcala.....	23
Figura 5: Lâmina 5 do Lenço de Tlaxcala.....	26
Figura 6: Lâmina 8 do Lenço de Tlaxcala.....	26
Figura 7: Lâmina 29 do Lenço de Tlaxcala.....	28
Figura 8: Tabela <i>huipil</i> Malinche no Lenço de Tlaxcala.....	31
Figura 9: Lâmina 22 do Lenço de Tlaxcala.....	35
Figura 10: Lâmina 9 do Lenço de Tlaxcala.....	37
Figura 11: Lâmina 14 do Lenço de Tlaxcala.....	38
Figura 12: Lâmina 15 do Lenço de Tlaxcala.....	39
Figura 13: Lâmina 19 do Lenço de Tlaxcala.....	39
Figura 14: Lâmina 20 do Lenço de Tlaxcala.....	40
Figura 15: Lâmina 21 do Lenço de Tlaxcala.....	40
Figura 16: Lâmina 26 do Lenço de Tlaxcala.....	41
Figura 17: Lâmina 45 do Lenço de Tlaxcala.....	41
Figura 18: “Huipil de la Malinche”	42
Figura 19: Desfile centenário da independência do México.....	44

Introdução

Disciplina de Oficina da História II, 2020. Foi nesse contexto em que essa pesquisa se iniciou. Para esse curso, cada aluno precisava escolher um tema e a partir dele entender como se dá o processo de uma pesquisa acadêmica. Eu não tinha a menor ideia de qual tema escolher. Estávamos vivendo a pandemia de Covid-19 e, honestamente, selecionar um tema não era exatamente uma das minhas prioridades.

Eu estava um pouco receosa com essa disciplina, pois a ideia da pesquisa me assustava muito, mas o professor Eduardo Cardoso (PUC-Rio) soube lidar com maestria durante todo o semestre, me fez criar um carinho pelo meu eu pesquisadora e foi a primeira pessoa com quem debati o embrião da minha pesquisa sobre Malinche e Lenço de Tlaxcala.

Mas com cheguei ao tema? Eu já tinha uma afinidade com a história do México, era algo que me interessava, mas nunca tinha olhado para ela dessa forma. A informação de que precisava escolher um tema para trabalhar na disciplina era do meu conhecimento e estava esperando que um assunto surgisse e me despertasse o interesse. Ele veio.

Estava assistindo via online o Encontro Internacional da ANPHLAC e por um acaso – ou não – acabei assistindo a conferência do professor Federico Navarrete (UNAM). A Giovana daquele momento não sabia a importância dessa palestra. Assim que Navarrete acabou de falar, percebi que esse era o meu tema. O desenrolar do encantamento que vivi nas quase duas horas de conferência é a pesquisa que se encontra nas páginas seguintes. Você está convidado para lê-la.

Malinche possui inúmeras representações em campos distintos. Selecionei uma delas para ser a principal desse trabalho e assim começa a pesquisa. O primeiro capítulo é atravessado por uma discussão sobre o que é um códice e como a historiografia se relacionou com esse tipo de fonte. O principal documento desse trabalho é um códice do século XVI, o Lenço de Tlaxcala. A história da sua confecção e suas versões é por si só um campo de pesquisa, por isso, me atentei a uma breve introdução sobre com qual fonte estamos lidando e qual versão em específico mobilizo.

O segundo capítulo tem como principal enfoque a apresentação da principal personagem do trabalho: Malinche. Ela é conhecida por muitos como a amante e tradutora de Hernan Cortés. Foi uma indígena escravizada, entregue como presente ao chamado conquistador, que se tornou sua principal tradutora. Sua figura é motivo de calorosas

discussões a respeito de quem ela é e o que representa. Outras representações além da presente no Lenço de Tlaxcala também são abordadas na pesquisa.

Malinche ocupou um papel fundamental exercendo a função de mediadora/tradutora/negociadora e diferentemente do que considerava Cortés, o processo de tradução era extremamente complexo e repleto de falhas inerentes à capacidade dos interlocutores. Esse processo não engloba apenas uma tradução literal de palavras, muitas vezes impossível, mas uma mediação de culturas, conceitos, signos, símbolos e gestuais.

Através de suas palavras, Malinche foi capaz de transitar por diferentes discursos com suas especificidades e conectar distintas concepções de mundo. Sendo considerada como o rosto humano, compreensível e racional dos *teules*, conceito similar ao de deuses. Restall faz uma consideração interessante sobre o papel ocupado por Malinche: “Todavia, porque ela falava as palavras alheias (como intérprete que era), ao mesmo tempo é uma figura imersa num estranho silêncio.” (RESTALL, p.156, 2006).

O terceiro capítulo é dividido em duas partes. A primeira delas tem foco em analisar algumas lâminas do Lenço, em específico as que Malinche aparece, que considere importantes para compor a pesquisa. A segunda parte faz uma introdução ao conceito de indumentária, qual era a sua importância para a sociedade mesoamericana do século XVI e como religião e vestimenta estavam intrinsecamente conectadas. Dessa forma, o enfoque é o *huipil* de Malinche. Abordo todos os dela que aparecem no Lenço e compartilho com o leitor uma questão sobre a lâmina 22 para qual não tenho resposta desenvolvida.

A conclusão encerra o tema central da pesquisa e propõe uma reflexão sobre outras representações de Malinche que não são contemporâneas à Conquista, mas posteriores. Ao final do trabalho o leitor será instigado a refletir sobre quem foi Malinche e como/porquê ela é representada de determinada forma, por um determinado autor, em um determinado suporte e momento da história. Um dos objetivos é unir a arte, a história e a indumentária em um trabalho a partir de uma fonte específica, mas sem perder de vista outras possibilidades de representações construídas sobre Malinche que agregam à discussão.

Capítulo 1 - A *Conquista espanhola* e o Lenço de Tlaxcala

Feche os olhos e resgate da sua memória a época da escola, mais especificamente as aulas de História. Como foi a aula sobre *Conquista espanhola*? Provavelmente essas palavras foram utilizadas para indicar a derrota dos astecas e a vitória dos corajosos espanhóis que cruzaram o oceano e enfrentaram “índios” selvagens. Hernan Cortés e seu pequeno grupo de companheiros desembarcaram na América e, devido à sua superioridade bélica, espiritual e intelectual realizaram o incrível feito de conquistar esse território.

Minha experiência foi similar a essa. Não houve nenhuma problematização conceitual como por exemplo a do “descobrimento” do Brasil. O obstáculo da utilização do termo *Conquista espanhola* é que o mesmo não é suficiente para abarcar a complexidade do evento ao qual se refere. O mesmo termo exalta os espanhóis de forma que outros agentes desse episódio são deliberadamente excluídos da narrativa. Dessa forma, a *Conquista espanhola* está sendo lida como a luta entre “índios” derrotados e espanhóis vitoriosos¹.

Para o desenvolvimento da seguinte pesquisa é essencial que a leitura desse evento seja a de um combate entre exércitos multiétnicos. Assim, não reduzimos os indígenas a um grupo único e homogêneo, além de os considerar como importantes agentes da Conquista. Seguindo essa linha de raciocínio, também podemos nos questionar sobre quem conquistou o México². Um interessante questionamento que podemos levantar sobre o conceito de *conquista* é o que entendemos que ele representa. Os marcos, temporalidades e personagens que utilizamos como referência vão modificar a forma como empregamos esse termo.

Acredito que a Conquista tenha recebido o adjetivo *espanhola* pois, por um longo período, as únicas fontes utilizadas para refletir sobre o ocorrido eram relatos de viajantes e religiosos espanhóis. Esses relatos continham diversos filtros que, por inúmeros motivos, exaltavam a agência espanhola. Assim, a narrativa sobre esse evento, até

¹ Navarrete aponta que até hoje no México há uma identificação muito clara dos indígenas como os vencidos

² NAVARRETE, Federico. “Quem conquistou o México?”. Conferência online ANPHLAC, 2020.

determinado momento, foi construída considerando apenas uma perspectiva e um único conjunto de fontes.

As fontes produzidas por indígenas sofreram diferentes formas de rejeição, seja pela autoria, suporte, escrita, desenhos ou imagens. Dessa forma, apenas no século XIX foram publicados estudos sobre os códices do México central, sendo Joseph Marius Alexis Aubin um dos precursores desse movimento. Somente no final do século XX os estudos sobre códices mesoamericanos³ começaram a adotar bases teórico-metodológicas modernas.

Muito se caminhou desde esse momento e atualmente são diversos os trabalhos debruçados em códices como fonte principal ou secundária. Mas afinal, o que são códices? Essa palavra deriva de *codex* - do latim - e se refere aos documentos pictóricos e pictográficos produzidos por indígenas do México e América Central, seguindo uma tradição específica, contendo pinturas como seu elemento característico. Eram coloridos com pigmentos minerais e orgânicos, além de serem feitos em diferentes suportes como papel e pele de mamíferos por exemplo. Miguel León-Portilla os lê como um corpo literário, em outras palavras:

[...] um conjunto formado por escritos que tratam de temáticas distintas e que serviram a usos variados, mas que se relacionam entre si por compartilharem estilos, formas e temas, e também por terem sido produzidos por grupos e instituições sociais semelhantes, ou seja, por escribas e sábios das elites mesoamericanas dos últimos séculos antes do contato ou do primeiro século do período colonial. (LEÓN-PORTILLA *apud* SANTOS, p.96, 2005).

Para estudar, interpretar e ler códices é primordial ampliar os horizontes no que diz respeito a escritas não-fonéticas e não-alfabéticas. Ao não considerá-las pode-se entendê-los apenas como pinturas e não um signo. O pensamento sobre códices somente como imagens - e não como signos de uma escrita – é uma extrema simplificação da potencialidade desse tipo de fonte, além de produzir uma interpretação ingênua. Ademais, como qualquer outro tipo de fonte, os códices são manipuláveis e contém camadas de

³ “O termo Mesoamérica não tem conotação geográfica, mas histórica e antropológica. A rigor, a região se estende do Planalto Central mexicano até Honduras, passando pela Península do Yucatán, onde se desenvolveram culturas indígenas que partilhavam uma série de características comuns” (SEGER, p.18, 2014).

filtros que devem ser enfrentadas. Em outras palavras, eles não necessariamente mostram os fatos literalmente como ocorreram.

A partir dos códices podemos refletir sobre a visão dos indígenas a respeito de temas amplamente retratados pela historiografia baseados apenas em fontes europeias, que exaltam a participação de Cortés e seus companheiros⁴. É importante pontuar que valorizar estudos baseados em códices não implica no descarte ou descrédito de fontes produzidas por outros agentes. Todos os documentos possuem seu valor e importância próprios. O interessante nesse quesito é ampliar o escopo material sobre determinado tempo, espaço e evento. É acolher outros personagens e suas vozes, de forma a englobar outros enredamentos da Conquista.

Os códices são divididos em diferentes grupos de acordo com seu suporte, função e tema. Uma dessas categorias é o Lenço - *Lienzo* -, composto por um ou vários pedaços de tecidos e feito de algodão ou fibras mais duras. Geralmente era reservado para temas históricos e cartográficos:

Pelo seu tradicional formato, quadrangular ou retangular, e suas grandes dimensões, eram frequentemente utilizados na elaboração de mapas e registros histórico cartográficos que requeriam grandes espaços para relacionar os âmbitos geográficos e sociais com a narrativa de acontecimentos quase sempre datados. (LEÓN-PORTILLA, p.8, 2012).

A fonte sobre a qual se debruça essa pesquisa é um códice conhecido como Lenço de Tlaxcala⁵ (ver figura 1). Pós-cortesiano, foi feito na Mesoamérica durante o século XVI, aproximadamente em 1552, a pedido do cabildo de Tlaxcala. Suas noventa e uma células são lidas na ordem da esquerda para a direita e de cima para baixo, como uma história em quadrinhos. A cena do topo mostra nobres indígenas das quatro regiões que compunham Tlaxcala, autoridades da Nova Espanha, os brasões de Carlos V e Tlaxcala, dentre outros elementos importantes para o desenvolvimento da narrativa contida no Lenço.

De grandes dimensões (2x5 metros), foi elaborado por diferentes artistas que mesclaram estilos europeu e mesoamericano. A arte de pintar códices era restringida

⁴ A necessidade de exaltação estava diretamente relacionada às *Probanzas de Mérito*, documentos cujo principal objetivo era promover seu autor perante ao rei e, dessa forma, conseguir recompensas.

⁵ Por questões de espaço e enfoque da pesquisa, as discussões sobre para onde o Lenço foi enviado, quem o encomendou e quantas unidades originais foram feitas não serão aprofundadas. Esse trabalho será baseado em determinados consensos de pesquisadores, mas é essencial demarcar que estou ciente das discussões que circundam minha fonte principal.

apenas a um grupo específico de pessoas, consideradas cultas, de altas camadas sociais e próximas aos representantes políticos. O Lenço era articulado à uma narrativa oral e essa complementação era mais complexa do que apenas uma subordinação.

Em suma, ler o Lenço é como acompanhar o cotidiano da Conquista e suas batalhas. É um dos relatos mais completos e detalhados sobre os anos de 1519 a 1521, além de oferecer uma perspectiva diferente da tradicional: tanto por não ser uma fonte escrita – no sentido mais costumeiro que podemos pensar – quanto por ser de autoria indígena.



Figura 1: Lenço de Tlaxcala

Fonte: Site *Explore Mesolore*

A autoria desse documento é creditada aos tlaxcaltecas (originários de Tlaxcala), que historicamente desafiaram a autoridade dos astecas. O embate já existente entre esses grupos contribuiu para a aliança anti-mexica entre tlaxcaltecas e espanhóis. Além de reclamações sobre impostos abusivos, Bernal Díaz del Castillo⁶ afirmou que:

Os habitantes dessas aldeias [...] queixam-se muito de Montezuma e de seus coletores de impostos, que lhes roubavam tudo o que tinham, e que, se suas mulheres e filhas fossem formosas, violentavam-nas diante deles e de seus maridos, e roubavam-nas, e que obrigavam-nos a trabalhar como se fossem escravos, e pedras e lenha e muitos outros serviços de semear milharais [...] e muitas outras queixas (CASTILLO *apud* TODOROV, p.80, 2019)

O Lenço de Tlaxcala narra, a partir da perspectiva dos tlaxcaltecas, como foi o processo da Conquista (1519-1521), apresentando-os como figuras fundamentais dessa vitória. É produzido um relato no qual os espanhóis não poderiam ter derrubado os astecas sem a ajuda dos tlaxcaltecas. Em outras palavras, no Lenço é apresentado o esforço empreendido pelos tlaxcaltecas na colaboração direta à Hernan Cortés e como eles foram o grande diferencial desse exército na queda de Tenochtitlan.

Entretanto, a narrativa de apologia ao poder e força tlaxcalteca não é feita de forma soberba. É um jogo de equilíbrio entre minimizar a atuação espanhola e enaltecer o protagonismo tlaxcalteca, equilibrando forças. Ou seja, os tlaxcaltecas desejavam e necessitavam o reconhecimento da Coroa espanhola para que pudessem pleitear regalias. Esse foi o principal objetivo do Lenço de Tlaxcala.

De fato, a presença tlaxcalteca na aliança anti-mexica foi vital. Todavia, para atingirem seu principal propósito e serem reconhecidos por Carlos V como peças-chave, vão organizar esse documento optando por caminhos que valorizam seus interesses próprios. Sendo assim, algumas omissões e manipulações são postas no Lenço.

Antes da formação da aliança entre tlaxcaltecas e espanhóis ocorreram fortes confrontos entre esses grupos⁷. Contudo, não há referência desses enfrentamentos no Lenço, mas sim uma ênfase à atuação tlaxcalteca após a consolidação da aliança com os espanhóis. Também é ocultada a presença de outros grupos indígenas que participaram desse acordo contra os astecas de maneira decisiva, como por exemplo os totonacas, colultecas, huexotzincas, calcas e acolhuas (BRAVO, p.60, 2010). Assim, a narrativa era

⁶Autor de “*Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*”

⁷ Sobre a aliança com os espanhóis, foram criados dois partidos em Tlaxcala: aquele a favor da união para serem vitoriosos, e aquele contrário, que era a favor da continuidade dos conflitos contra os espanhóis.

transformada em um monopólio no qual apenas os tlaxcaltecas apoiaram os espanhóis. Ademais, podemos observar a essencialidade em apresentar esse grupo como o primeiro a ser batizado e abraçar a fé católica.

Após o empenho tlaxcalteca, esse povo desfrutou “[...] de uma série de prerrogativas não reconhecidas pelo resto da população indígena que passaria a constituir a Nova Espanha.”⁸ (RODRÍGUEZ, p.60, 2012). Liza Bakewell e Byron Hamann indicam que Carlos V concedeu à Tlaxcala o título oficial de “*La Leal ciudad de Tlaxcala*”, o qual permitiu que a mesma não fosse sujeita à autoridades políticas intermediárias, mas sim diretamente à Coroa.

Na década de 1860, durante a ocupação francesa no México, o Lenço de Tlaxcala foi transportado de Tlaxcala para a Cidade do México para que a *French Scientific Comission* pudesse fazer uma cópia. O Lenço se perdeu durante esse procedimento e as autoridades de Tlaxcala tentaram recuperá-lo, mas a empreitada não foi bem sucedida e ele continua perdido até hoje. Em resumo: o paradeiro do Lenço de Tlaxcala é desconhecido.

Se não sabemos onde ele está, como fazemos pesquisa? Como temos imagens dele? Como temos tantas informações? Ao longo do tempo, foram feitas diversas cópias do Lenço de Tlaxcala. Existe um campo de estudo que se concentra apenas em questões específicas sobre esse documento e por determinadas limitações não poderei abordá-las nessas páginas. Esses estudos⁹ focam em questões como por exemplo: quem encomendou o Lenço, quantas cópias originais foram feitas, para onde ele foi enviado, quais outros documentos podem ser considerados como cópias do original – ou originais – dentre outras inúmeras discussões que o abrangem.

Sobre essas indagações, Isabel Bueno Bravo afirma que devido à quantidade de cópias feitas do Lenço é difícil rastrear sua autenticidade, mas que o consenso geral aceita o fato de que é um documento colonial de meados do século XVI. Sua narrativa é a queda

⁸ Texto original: “[...] de una serie de prerrogativas no reconocibles en el resto de la población indígena que pasaría a constituir la Nueva España” - tradução feita por mim.

⁹ A UNAM (Universidad Nacional Autónoma de México) coordena um projeto chamado “*Reconstrucción histórica digital del Lienzo de Tlaxcala*” (<https://lienzodetlaxcala.unam.mx/>).

de México-Tenochtitlan e seus painéis mostram tlaxcaltecas e espanhóis disputando o protagonismo dos acontecimentos (BRAVO, p.58, 2010).

Portanto, os trabalhos que têm como fonte o Lenço de Tlaxcala são feitos com base em cópias. Não é uma originalidade ou falha da minha pesquisa a mesma não ser fundamentada na fonte original, o que acarreta em certos pontos que serão abordados a frente. Diego Muñoz Camargo, cronista, é autor de uma cópia do Lenço de Tlaxcala, o Manuscrito de Glasgow (ver figura 2). Esse documento está anexado em sua obra da década de 1580: “*Descripción de la ciudad y provincia de Tlaxcala*”. Abaixo segue uma comparação entre as mesmas lâminas demonstrando a semelhança entre os documentos.



Figura 2: Manuscrito de Glasgow

Fonte: Site *Reconstrucción histórica digital del Lienzo de Tlaxcala*

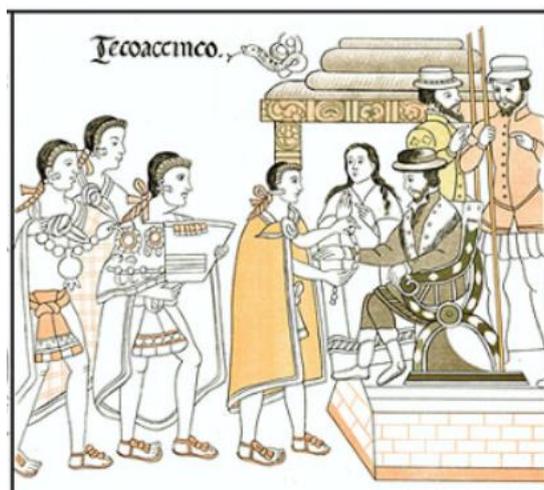


Figura 3: Lâmina 3 do Lenço de Tlaxcala

Fonte: Site *Explore Mesolore*

A maior parte dos estudos e pesquisas são feitos com uma cópia de 1892, feita por Alfredo Chavero¹⁰ (1841-1906). Durante o governo de Porfírio Díaz foi realizado um evento em Madri para celebrar os quatrocentos anos do “descobrimento” da América e o governo mexicano foi convidado pelo espanhol para participar. Foi criada uma junta com o intuito de organizar e executar trabalhos necessários para a exposição e a maior preocupação era representar “[...] todas as nossas principais raças e nacionalidade antigas, assim como todos os objetos a elas pertencentes [...]”¹¹ (CHAVERO, 1892).

Foi acordado que era importante reunir uma coleção de antiguidades e ficou sob a responsabilidade de Alfredo Chavero encontrar o Lenço de Tlaxcala. A missão não foi bem sucedida, como sabemos, mas ele realizou um cópia feita em papel e esse foi o documento publicado em 1892. O fac-símile, como dito anteriormente, é o mais utilizado atualmente e é acompanhado por uma descrição de cada célula, considerando tanto o evento factual quanto a disposição dos elementos nela contidos.

Infelizmente não obtive acesso ao documento completo de Alfredo Chavero, apenas aos textos descritivos. Por isso, utilizarei o Lenço de Tlaxcala produzido pelo site *Explore Mesolore*, idealizado pela *Brown University*. Essa versão digital é basicamente a mesma que a de Chavero, porém com a adição de dois estandartes de batalha na cena superior e as sete células da décima terceira fileira. Essas inclusões¹² têm como base as cópias de Muñoz Camargo e outra feita aproximadamente em 1779, cuja autoria é desconhecida e é fortemente influenciada por estilos artísticos do século XVIII. Por fim, possui diagramação igual à versão original, diferentemente de cópias como a de Chavero.

É crucial ressaltar o fato de que tanto as cópias quanto o Lenço de Tlaxcala original foram produzidos anos depois dos acontecimentos que narram. Essa observação implica em determinadas questões importantes para a análise da fonte, pensando especificamente na realidade social, política e econômica do momento em que cada uma foi produzida.

Ademais, ao assumirmos a responsabilidade de lidarmos com uma cópia, também devemos pensar no que isso acarreta. Por mais que cópias possam ser extremamente

¹⁰ Poeta, dramaturgo, historiador, arqueólogo, político.

¹¹ Texto original: “[...] todas nuestras principales razas y nacionalidades antiguas, así como todos los objetos á ellas pertencientes [...]” – tradução feita por mim.

¹² O site *Explore Mesolore* as aponta como restaurações.

semelhantes à obra original, é impossível que sejam iguais¹³, raciocínio distinto ao de Alfredo Chavero:

Quedó, pues, perdido el lienzo; pero por fortuna yo tengo copia exactísima, dibujada con toda escrupulosidad, y para la cual se hicieron colores enteramente iguales á los del original. Como también tengo los calcos que del mismo original se sacaron, hoy puede hacerse una reproducción fidelísima del lienzo perdido. (CHAVERO, 1892).

A impossibilidade de acessar o documento original não impede que estudos sobre ele sejam feitos. Porém é de suma importância que, a despeito de qualquer forma de pesquisa que tenha o Lenço de Tlaxcala como fonte, ocorra uma reflexão primária sobre todas as questões que o cercam, especialmente às que estão relacionadas à cópia específica a ser utilizada.

A história e trajetória do Lenço de Tlaxcala não é o ponto central da minha pesquisa, mas esse primeiro movimento de análise da fonte é crucial, visto que os inúmeros filtros que permeiam a produção desse documento estão diretamente ligados a como o(a) pesquisador(a) se relacionará com a fonte.

¹³ Mesmo os possíveis múltiplos Lenços de Tlaxcala originais não seriam idênticos.

Capítulo 2 - La Malinche, Malintzin, Malinalli, Doña Marina

O tema central desse capítulo é Malinche, personagem que conheci apenas no meu segundo semestre da faculdade, no curso de América I. Podemos reconstruir um pouco da sua trajetória a partir de documentos históricos, mas o material sobre sua vida antes do encontro com os espanhóis é escasso e ainda causa muita divergência entre os pesquisadores.

Não há um consenso sobre o local de seu nascimento, mas existe uma concordância geral de que Malinche era de origem nobre. Seu caminho e o de Cortés se cruzaram quando ela, juntamente com outras mulheres, foi entregue à ele como um presente. De nobre à escravizada, não sabemos exatamente como foi o processo, mas temos algumas hipóteses em discussão.

A primeira delas é de que ela teria sido roubada dos seus pais. A segunda seria de que devido à mudança de status da sua mãe ela foi escravizada. A terceira e última está presente na obra de Bernal Díaz, que narra a seguinte história: os pais de Malinche eram senhores e caciques, mas seu pai morreu quando ainda era muito nova e a mãe se casou com outro cacique. Eles tiveram um filho e para preservar sua futura herança optaram por dar Malinche e espalharam o boato de que estava morta.¹⁴

Além disso, em sua caminhada, Malinche recebeu alguns nomes diferentes. Ao ser batizada pelos espanhóis foi chamada de Marina, que em nahuatl se converteu em Malina e recebeu o sufixo '*tzin*' para indicar condição de nobreza, se transformando em Malintzin. Após uma modificação por motivos fonéticos se tornou Malinche. Também existem algumas referências à ela como Malinalli.

Outro aspecto interessante é a relação entre Malinche e Cortés no que diz respeito a forma como eram chamados e reconhecidos. Na introdução de “*Cartas y Relaciones de Hernan Cortés al emperador Carlos V*”, é afirmado que os ‘índios’ se referiam à Cortés como ‘*capitan Malinche*’ (p. XXVIII).

Navarrete acredita que os indígenas o chamavam de Malinche pois era ela quem conseguia se comunicar com eles, tanto os entendia quanto se fazia entender. Por isso

¹⁴ “...y murió el padre. Quedando muy niña, y la madre se casó con otro cacique mancebo, y hubieron un hijo, y, según pareció, queríanlo bien al hijo que habían habido; acordaron entre el padre y la madre de darle el cacicazgo después de sus días, y porque en ello no hubiese estorbo, dieron de noche a la niña doña Marina a unos indios de Xicalango, porque no fuese vista, y echaron fama que se había muerto.” (CASTILLO, p. 146)

alguns autores se referem à Malinche como *La Malinche*, para que não haja engano. Entretanto, não eram apenas os indígenas que se referiam à Cortés dessa forma. Existem algumas conjecturas sobre o assunto e Seger aponta que “A relação entre La Malinche e Cortés foi tão forte que acaba ocorrendo uma identificação entre os personagens. Seu nome chega a se converter em um binômio [...]” (p.122, 2014).

Até o presente momento dessa pesquisa não tenho conhecimento de uma autobiografia da Malinche, ou seja, um documento feito por ela sobre ela. Assim, seguimos no movimento de estudá-la a partir das representações e relatos de outras pessoas. Uma das opções disponíveis para pesquisarmos são as crônicas, que também têm a sua própria historiografia. A grande maioria desses documentos carregava a busca por honrarias e recompensas, podendo também tornar seus autores grandes heróis da história.

Irei apresentar três documentos desse estilo para repensarmos mais um pouco sobre nossa personagem principal. O primeiro deles, redigido por Cortés, é intitulado como “*Cartas y Relaciones de Hernan Cortés al emperador Carlos V*”. Nele podemos acompanhar os acontecimentos selecionados pelo autor para serem retratados ao governante espanhol. O principal objetivo era se afirmar como alguém de suma importância, comprovando seus méritos, e assim conquistar fama, glória e títulos.

Como veremos adiante, Cortés cita Malinche em suas cartas, mas não lhe confere destaque algum. Bernal Díaz del Castillo, em contrapartida, na obra “*Historia Verdadeira de la conquista de la Nueva España*”, dedica um capítulo¹⁵ (XXXVII) inteiro à Malinche. O mesmo se inicia com a seguinte frase:

Antes que más meta la mano en lo del gran Montezuma y su gran México y mexicanos, quiero decir lo de doña Marina, como desde su niñez fué gran señora y cacica de pueblos y vassalos [...] (CASTILLO, p. 145).

A própria obra de Díaz del Castillo pode ser uma pesquisa à parte e propõe diversos questionamentos e reflexões. É interessante se atentar ao fato de que ele opta por primeiramente falar sobre Malinche e depois sobre Montezuma, o que é um indicativo do valor que o autor confere à ela. Em outra passagem, Castillo recupera a importância que Malinche tinha para Cortés: “[...] como doña Marina em todas las guerras de la Nueva España y Tlaxcala y México fué tan excelente mujer y buena lengua, como adelante diré, a esta causa la traía siempre Cortés consigo.” (CASTILLO, p. 146, 1939).

¹⁵ Capítulo número XXXVII, denominado “*Cómo Doña Marina era cacica, e hija de grandes señores, y señora de pueblos y vassalos, y de la manera que fué traída a Tabasco*”

Magda Seger apresenta algumas crônicas em seu trabalho e conclui que

Todos esses exemplos demonstram que *La Malinche* esteve presente nesses acontecimentos e assumiu o papel de protagonista. Se o compromisso das crônicas era fazer a relação dos personagens principais que se destacaram, a referência a ela ocorreu porque sua função foi efetivamente importante. (SEGER, p.113, 2014).

Entretanto, ao meu ver, a presença e referência de Malinche nas crônicas não é necessariamente uma comprovação de sua relevância na Conquista, exatamente pelo objetivo final desses documentos. Existia um complexo jogo de interesses que não podem ser reduzidos a significar se aquela pessoa era ou não considerada importante. Todavia os documentos são extremamente relevantes e abrem novos questionamentos.

Outro documento intrigante é a “*Probanza de Méritos y Servicios de la famosa doña Marina*”, que em tradução livre é a prova de méritos e serviços da famosa dona Marina. Um registro que se propõe a comprovar as ações grandiosas de Malinche e faz o uso da palavra ‘famosa’ chamou muito minha atenção e quis explorar esse escrito por completo. Consegui acessá-lo pelo *Portal de Archivos Españoles – Ministerio de Cultura e Deporte*, mas não obtive a transcrição. Por isso, no momento, não sou capaz de me aprofundar no conteúdo dessas páginas.

Um documento desse tipo, elaborado pela coroa espanhola, é importantíssimo e pode acarretar em diversas novas linhas de pesquisa. Como ainda não consigo me aventurar por ele, gostaria apenas de ressaltar seu valor, tanto nas possíveis informações nele contidas quanto a sua simples existência.

Magda Seger traz essa fonte em seu trabalho e conta que foi a filha de Malinche e Juan Jaramillo, Maria, quem teve iniciativa do processo que resultou nessa documentação, iniciado em 1542 e feito pelo capitão Francisco Maldonado. A mesma autora compartilha a seguinte citação:

[...] fue case obra divina para conquistar esta Nueva España que se entendieron todos y se declaras ello que Dios y el Rey mandaban y la dicha doña Marina, muy fiel y leal al dicho Don Hernando Cortés y a los españoles que vieron a conquistar esta tierra, tenia muchas cantelas y maneras con los naturales para hazellos entender que heran los españoles gran cosa y bastantes porque aunque se juntase todo el mundo contra ellos no hera para les domar (PROBANZA DE MÉRITOS, p.71, 1542 apud SEGER, p.172, 2014).

Podemos observar o entrelaçamento entre a Conquista e religião, a visão de Malinche como “fiel e leal” à Cortés e outros espanhóis, assim como sua suposta facilidade em se relacionar com os “naturais”. Bernal Díaz também agrega nesse

entendimento ao dizer que “*Y la doña Marina tenía mucho ser y mandaba absolutamente entre los índios en toda la Nueva España*” (CASTILLO, p. 146, 1939). Mas afinal, porquê esses relatos destacam o relacionamento de Malinche com outros indígenas?

Por nascer nobre, Malinche teria uma educação diferenciada da população comum e assim, treinada para falar com refinamento através do *tecpillahtoli*, o discurso senhoril, além de saber todas as maneiras necessárias nos diferentes ambientes sociais. Sua trajetória permitiu que ela dominasse mais dois outros idiomas além do de sua suposta região natal. Dessa forma, a combinação entre o conhecimento do nahuatl, maia e espanhol, com o saber sobre costumes e posturas, tornou Malinche uma enorme potência na comunicação.

Restall afirma que o *tecpillahtoli* funcionava como um artifício retórico que visava dizer o contrário. Era composto por muitos sufixos e prefixos reverenciais, além das frases serem formuladas a partir da inversão e do discurso direto. “Ou seja, para ser polido e cortês há de se evitar falar de forma grosseira ou direta, o que implica em dizer o oposto do que se pretende.” (RESTALL, p. 175, 2006).

Considerando que existiam diferentes línguas entre os indígenas da Mesoamérica, a comunicação deles com os espanhóis precisava ser intermediada e é nesse momento que os intérpretes se tornam extremamente importantes. Uma das primeiras pessoas que os espanhóis mobilizaram a seu favor nessa função foi Jerónimo de Aguilar, homem de origem espanhola que aprendeu o maia durante seu período como prisioneiro.

Não podemos entender completamente o caminho percorrido por Malinche entre ser entregue à Cortés como uma escravizada e se tornar intérprete, nem sequer como funcionou essa comunicação. Ainda se discute os motivos¹⁶ pelos quais ela ‘aceitou’ ser intérprete, mas fato é que ela acabou assumindo esse papel e com o passar do tempo ganhou profundo destaque.

Aguilar e Malinche trabalharam juntos por um tempo, se complementando nas traduções: “[...] Cortés preguntó a doña Marina y a Jerónimo de Aguilar, nuestras lenguas ¹⁷[...]” (CASTILLO, p. 175, 1939). Entretanto, Aguilar foi perdendo sua função no decurso dos eventos, visto que era imprescindível dominar o nahuatl, à medida que o exército se direcionava para o México central. Assim, Malinche passou a ser a principal e única referência de intérprete.

¹⁶ Alguns autores falam sobre uma decisão consciente, outros sobre questão de sobrevivência e interesse.

¹⁷ O termo “*lengua*” não tem sentido pejorativo, é apenas a forma como os tradutores e intérpretes eram denominados.

Ao escrever suas *Cartas y Relaciones*, Cortés diz que

[...] Yo le respondí que el capitan que los de Tabasco le dijeron que habia pasado por su tierra, con quien ellos habian peleado, era yo; y para que creyese ser verdade, que se informasse de aquella lengua ¹⁸ que con él hablaba, que es Marina, la que yo siempre conmigo he traído, porque allí me habian dado con otras veinte mugeres; y ella le habló y le certificó dello, y como yo habia ganado á Méjico, y le dijo todas las tierras que yo tengo sujetas y puestas debajo del imperio de V. M., y mostro holgarse mucho en haberlo sabido, y dijo que él queria ser sujeto y vasallo de V. M., y que se ternia por dichoso de serlo de tan gran señor como yo le decia que V. M. lo es [...] (CORTÉS, p.429,1866).

Aqui temos a sensação de que Cortés tinha absoluto controle sobre a conversa, afirmando até mesmo que ele próprio respondeu ao homem citado. Em seguida, pede para que ele confirme sua dúvida com Malinche, que reforça a fala de Cortés e então o homem fica muito satisfeito e com desejo de ser súdito de vossa majestade.

Além de exaltar fortemente Carlos V, Cortés demonstra o trabalho de Malinche como uma tradução literal. Ou seja, ele falava X, Malinche passava X para a outra pessoa, que entendia X e respondia Y. Então Malinche entendia e passava Y para Cortés que também entendia Y. Seria esse um procedimento perfeito da brincadeira Telefone sem fio.

Nenhuma tradução consegue ser literal e completamente entendida pelas partes envolvidas, então a forma como Cortés descreve esse processo não existe. Malinche não apenas trocava as palavras de um idioma para o outro, sua função ia muito mais além. “Em sua função de mediadora, *doña Marina* construiu um discurso comum a dois mundos diferentes. A função dela não foi apenas a de tradutora, mas a de uma pessoa concatenada com os significados culturais de civilizações diversas” (SEGER, p.176, 2014). Exemplo disso é o discurso senhoril, anteriormente citado que, por limitações do processo de tradução, não consegue ser transposto em íntegra para outro idioma. Assim, o papel do intérprete se torna mais complexo e árduo.

Sobre esse assunto, Matthew Restall apresenta o mito da (falha) na comunicação. Historicamente construído pelos chamados conquistadores, afirmava que “[...] a asseveração da comunicação com os povos nativos sustentava as afirmações de que estes haviam sido subjugados, cooptados e convertidos.” (RESTALL, p. 155, 2006). Dessa forma, a Conquista seria devido à falta de habilidade dos nativos em compreender outro

¹⁸ No texto existe uma nota de rodapé na palavra “*lengua*” eu diz: “*La copia de la Academia: aquel intérprete, que yo conmigo llevaba, que era una muger natural de la tierra, que después que se torno cristiana, se llama Marina*” (CORTÉS, p.429).

idioma e cultura além dos seus originais, em contrapartida aos espanhóis que são exímios leitores de signos.

Malinche era a principal responsável por mediar e negociar termos equivalentes para realidades e expectativas distintas, sendo essa equivalência instável e inexata, além dos cenários de atuação serem de alto risco. Também é importante considerar que a comunicação não se restringe apenas ao âmbito do linguístico, mas também dos aspectos gestuais, cosmovisão, epistemologia, ontologia, elementos implícitos. Outro aspecto a ser pontuado é que a comunicação não é influenciada apenas pela pessoa responsável pela tradução e mediação, mas por todos aqueles incluídos na conversa¹⁹.

Efetivamente, se considerarmos que a diplomacia e as negociações políticas são tão importantes quanto as batalhas e guerras físicas em si, Malinche ganha maior relevância ainda. Ao refletirmos sobre a importância da comunicação, podemos elocubrar quão fundamental foi esse aspecto para que a Conquista fosse bem sucedida. Seguindo essa discussão, Díaz del Castillo contribui ao afirmar que “[...] *sin ir doña Marina no podíamos entender la lengua de la Nueva España y México*” (CASTILLO, p. 148, p.1939).

Segundo Abang, “*The squiggle-like markers shown between the Spanish and Indigenous parties are used by Mesoamerican códex writers to denote that a conversation is occurring*” (ABANG, p. 2, 2020). O autor utiliza o Codex Florentino para demonstrar como são essas marcas. O mais próximo que encontrei delas no Lenço de Tlaxcala são o que me parecem ser as pegadas dos cavalos.

O que podemos perceber no Lenço é que Malinche é posicionada frequentemente no meio da célula, entre dois grupos, um indígena e outro espanhol. Essa posição pode ser lida como a de quem faz a mediação e conecta ambas as partes.

¹⁹ Navarrete apresentou um esquema visual muito interessante e didático sobre o funcionamento das conversas e traduções (ANPHLAC, 2020)

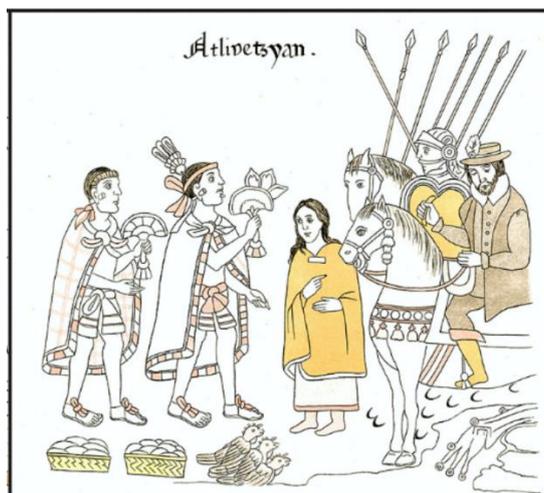


Figura 4: Lâmina 4 do Lenço de Tlaxcala

Fonte: Site *Explore Mesolore*

Cortés, assim como Díaz, faz referência à Aguilar: “[...] *Jerónimo de Aguilar, lengua que yo hobe em Yucatan [...]*” (CORTÉS, p. 73, 1866). Todavia, quando olhamos para o Lenço, não há nenhuma menção ao tradutor. Os autores o apagam completamente da narrativa e atribuem à Malinche toda a responsabilidade da tradução durante os anos ali representados.

Essa ausência calculada faz muito sentido quando nos lembramos do principal objetivo do Lenço de Tlaxcala: comprovar o apoio tlaxcalteca aos espanhóis, mais especialmente seu diferencial como grupo aliado. Para os tlaxcaltecas era mais benéfico colocar Malinche como única personagem, pois dessa forma eles seriam considerados mais importantes, visto que ela era considerada a joia de Tlaxcala. No próximo capítulo desenvolveremos melhor a relevância em representar Malinche diretamente ligada à Tlaxcala.

Capítulo 3 - Uma jornada pelos fios do Lenço de Tlaxcala e da indumentária mesoamericana

A análise de fontes indígenas deve sempre encarar o discurso histórico presente nos códices como construções sociais com regras, formas e sentidos historicamente determinados. Ainda neste debate, Natalino dos Santos afirma que

[...] as imagens pictográficas não são elas próprias, geradoras ou portadoras de sentidos imanes, mas suportes de significados socialmente atribuídos, isto é, que se apresentavam em meio de padrões culturais e situações sociais muito específicas. (SANTOS, p.108, 2005)

Como apresenta Federico Navarrete, os discursos visuais produzidos pelos indígenas mesoamericanos durante o período colonial são complexos e polissêmicos. Essas produções culturais são resultado dos processos de interação político e cultural entre indígenas e espanhóis, nos quais suas tradições culturais se modificam e surgem novas formas de representar e pensar. Ou seja, reconhecer essa especificidade não implica em assumir que houve um rompimento completo com as tradições culturais que as formaram.

O autor aponta para o fato de que os discursos do Lenço compõem um duplo diálogo para dois grupos distintos de maneira simultânea, baseado em um jogo de significados implícitos e explícitos. O primeiro deles tem o objetivo de confirmar a legitimidade das elites governantes indígenas frente aos seus governados. Assim, havia uma ênfase na continuidade com as tradições pré-hispânicas nas quais seu poder foi tradicionalmente fundamentado. Por outro lado, o Lenço também demonstra a legitimidade dessas elites perante as autoridades coloniais, mostrando a assimilação de símbolos e conceitos chaves específicos da política e religião espanhola.

O enfoque desse capítulo é a análise de algumas das lâminas do Lenço de Tlaxcala nas quais Malinche pode ser identificada. Uma interpretação extremamente interessante é a de Elizabeth Aguilera, que compreende a representação de Malinche no Lenço como uma metáfora visual da lealdade dos tlaxcaltecas aos espanhóis.

Segundo a autora, manuscritos pré-colombianos mostram precedentes que estabelecem a figura feminina como uma metáfora para ideias que carregavam um significado político e cultural. Assim, os artistas do Lenço usaram Malinche como uma forma (“*embodiment*”) de sincretismo cultural. Mesmo com essa metáfora dela representando Tlaxcala e seus habitantes, os tlaxcaltecas ainda podem ser encontrados no Lenço, “[...] como guerreiros nativos em um tempo e espaço histórico, e são representados

em número igual aos espanhóis na vasta maioria das lâminas.”²⁰ (AGUILERA, p. 14, 2014). A autora afirma que essa tentativa de combinação entre precisão histórica (“*historical accuracy*”) e metáfora visual mostra que as cenas do Lenço são complexas e possuem propósito.

Navarrete concorda com Aguilera ao pontuar que Malinche funcionou como uma representação simbólica de Tlaxcala e seu papel como mediadora seria equivalente ao papel que o *altépetl* exerceu na Conquista. Por fim, Aguilera diz que “[...] no caso do Lenço de Tlaxcala, a representação de Malintzin reflete uma decisão artística consciente com o objetivo de construir uma história que iria dotar os tlaxcaltecas com uma quantidade ainda maior de poder e prestígio no novo contexto colonial.”²¹ (AGUILERA, p.21, 2014).

Pensando mais pragmaticamente sobre a presença de Malinche no Lenço de Tlaxcala, ela é representada em 22 das 87 células que, além da cena principal, o compõem²². São diferentes tipos de lâminas em que ela aparece e podemos agrupá-las de maneira mais generalizante em dois grandes grupos: batalhas/confrontos e mediações/negociações. Nas células de batalha, geralmente ela está envolvida pelo exército e nas de mediação comumente se encontra no centro da lâmina, fazendo a conexão entre os dois grupos representados.

De todas as lâminas da primeira fileira, Malinche apenas não aparece em uma. Em cinco ela é colocada literalmente entre dois grupos realizando a mediação a partir de sua função como intérprete. Na única célula em que esse padrão não é seguido, a de número 05 (ver figura 5), Malinche é posta na margem e quem ocupa seu lugar central entre indígenas e espanhóis é a cruz.

²⁰ Texto original: “[...] native warriors in a historical time and place, and are depicted in equal numbers to their Spanish counterparts in the vast majority of the scenes.” – tradução feita por mim.

²¹ Texto original: “[...] in the case o the *Lienzo de Tlaxcala*, the depiction of the figure of Malintzin reflects a conscious artistic choice aimed at constructing a history that would endow the Tlaxcalans with a greater amount of power and prestige in their new colonial contexto.” – tradução feita por mim.

²² Lâminas em que Malinche é representada: 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 11, 14, 15, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 45 e 48.

Na lâmina 08 (ver figura 6) ocorre algo parecido, pois ela também está fora do foco e na parte central temos um quadro de Maria com o menino Jesus, além de um representante da Igreja realizando a cerimônia. Dessa forma, podemos notar que em algumas lâminas, o lugar de destaque, anteriormente conferido à Malinche, é ocupado por algo religioso, mais especificamente católico.

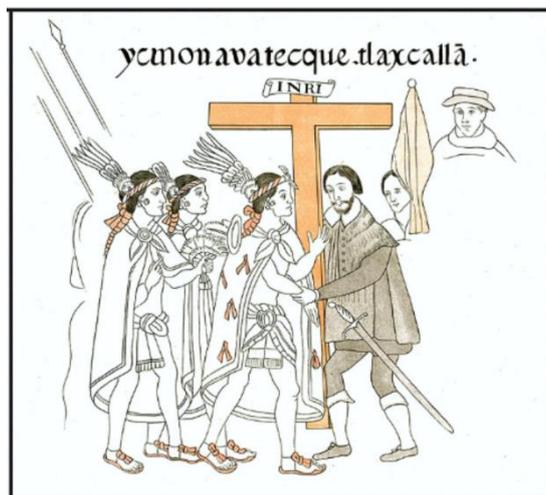


Figura 5: Lâmina 5 do Lenço de Tlaxcala

Fonte: Site *Explore Mesolore*

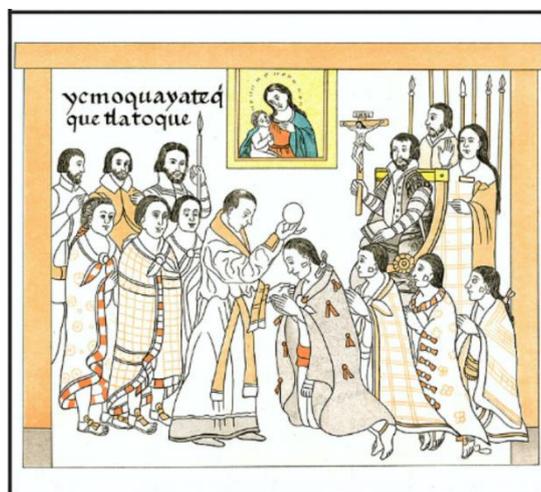


Figura 6: Lâmina 8 do Lenço de Tlaxcala

Fonte: Site *Explore Mesolore*

Uma lâmina marcante que gera diversas hipóteses é a de número 29 (ver figura 7). Ela marca o centro físico espacial do Lenço, contém o escrito “*Tlaxcallan*” e demonstra a chegada de Cortés ao *altépetl*. Nela podemos ver Cortés conversando com

um dos senhores de Tlaxcala e Malinche parece estar atuando como intérprete. Também compõem a cena dois espanhóis montados, cada um em seu cavalo, algumas oferendas, uma construção arquitetônica e um grande estandarte na parte central superior.

Para Magda Seger, esse estandarte representa a cidade de Tlaxcala (SEGER, p.165, 2014). Alfredo Chavero compreende esse estandarte como dos mexicas (astecas), que está sendo entregue à Cortés pelo senhor de Tlaxcala como um significativo presente ²³(CHAVERO, p.54). Ambos reconhecem o estandarte como um sol rodeado de plumas de quetzal (pássaro extremamente importante na tradição mesoamericana).

Ao discorrer sobre essa lâmina, o site Explore Mesolore afirma que nela está representado o nascer do sol, que na Mesoamérica significa simbolicamente um novo começo, a passagem da “barbaridade” para a “civilização”. Assim, ocorre o surgimento de uma nova ordem política após o pôr do sol do primeiro nascer do sol. “O que a célula 29 provavelmente mostra é a conversa em que Cortés oferece privilégios especiais aos tlaxcaltecas. Um novo sol, portanto, nasce sobre uma imagem do pacto entre tlaxcaltecas e europeus, estabelecendo a fundação da posição privilegiada de Tlaxcala na Nova Espanha colonial^{24,25}. Ou seja, a nova ordem seria marcada a partir do novo status do *altepl*.”

²³ “Este muestra al señor tlaxcalteca con la mano el Quetzalteopamitl ó gran estandarte de los mexicas, que había quitado á su jefe en la batalla de Otumba, y que presentaba como el más precioso obsequio á la señoría” (CHAVERO, p.54)

²⁴ <http://www.mesolore.org/tutorials/learn/19/Introduction-to-the-Lienzo-de-Tlaxcala-/56/Before-the-Emperor-Mirrors-and-Shields> (acesso em 13 de junho de 2023)

²⁵ Texto original: “What cell 29 probably shows, then, is the conversation in which Cortés offered special privileges to the Tlaxcalans. A New Sun, therefore, dawns above an image of the covenant between Tlaxcalans and Europeans, setting the foundation for Tlaxcala’s privileged position in the colonial New Spain”

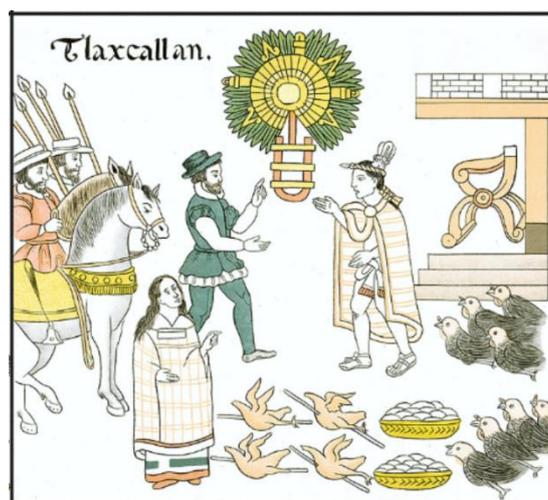


Figura 7: Lâmina 29 do Lenço de Tlaxcala

Fonte: Site *Explore Mesolore*

Malinche aparece em vinte lâminas do Lenço até a vigésima nona. Após essa, a vemos em apenas mais duas das cinquenta e oito restantes. Em outras palavras, ela é representada em quase 69% células na primeira parte do Lenço, enquanto após a célula 29, ela é vista em aproximadamente 3,5%. Essa é uma redução significativa em termos de representatividade. Assim, essa célula marca um ponto de virada na narrativa de Malinche no Lenço de Tlaxcala.

Estamos cada vez mais próximos de começar a refletir sobre uma questão que chamou minha atenção assim que comecei a estudar sobre Malinche e o Lenço, e essa pesquisa teve início. Assim, é essencial que, nesse momento, nos detenhamos no assunto indumentária, que engloba basicamente a vestimenta, os penteados e os adornos. Na Mesoamérica do século XVI nada disso era supérfluo ou trivial, visto que a indumentária possuía diferentes poderes e representava normas sociais mais amplas.

Funcionava como uma ferramenta de identificação étnica, social, cultural e econômica de cada pessoa. Assim, quem você era determinava o que poderia ser usado, além de cada *altépetl* ter seu próprio estilo e ser identificado por ele. A indumentária também era responsável por transformar recém-nascidos em humanos reais e, em seguida, em adultos.

A transformação mais radical proporcionada pela indumentária era, provavelmente, a de homens e mulheres em manifestações de deuses. Existem dois conceitos fundamentais nesse âmbito: *ixiptlatl* e *teixiptla*. O primeiro deles significa imagem, representante ou substituto, enquanto o segundo é a imagem, o representante ou o substituto do sobrenatural. Ou seja, ao criar um *teixiptla*, os humanos poderiam fazer com que forças divinas estivessem presentes no seu plano. Esse ritual estava diretamente interligado à indumentária, pois era um meio pelo qual o contato com o sagrado era possível.

[...] humanos vivos poderiam ser transformados em *teixiptla* vivos, encarnações animadas do sobrenatural. Em outras palavras, quando um homem ou uma mulher se veste com roupas de um ser sobrenatural, ele ou ela se torna o sobrenatural. Roupas e penteados, então, poderiam transformar um mero humano em um deus ou deusa. Por essa razão, várias imagens da arte do México Central retratam deuses ou deusas desenhando apenas peças de roupa.^{26 27}

Assim, podemos compreender que de fato, uma roupa, penteado, pintura corporal ou joia não se resumia apenas a uma questão estética nesse contexto. A indumentária operava, além de outras funcionalidades, como uma articuladora entre o mundo humano e o transcendental. O *quincunce* também é um interessante ponto desse tipo de conexão. Sua representação iconográfica é a da planificação de uma pirâmide, como a face do dado que corresponde ao número cinco.

São as quatro direções do universo, em cuja interseção está o centro gerador de energia, de forma que o ponto central se torna a direção mais importante por reger o equilíbrio e controlar o tempo mítico, que por ele circula na direção vertical. Esse tempo se origina da interação ente os deuses e suas consequências se manifestam no tabuleiro em que jogam: a Terra²⁸ (López Austin, p. 72-73, 1989 *apud* BRAVO, p. 65, 2010)

A vestimenta mesoamericana feminina era composta basicamente por duas peças. O *cueitl* era uma espécie de saia de corte retangular e o *huipil* era similar a uma blusa,

²⁶ <http://www.mesolore.org/tutorials/learn/24/Clothing-Skirt-Huipil> (acesso em 13 de junho de 2023)

²⁷ Texto original: “[...] living humans could be turned into living *teixiptla*, animate embodiments of the supernatural. In other words, when a man or a woman dressed in the clothing of a supernatural being, he or she became that supernatural. Clothing and hairstyles, then, could transform a mere human into a god or goddess. For this reason, several images from Central Mexican art depict gods or goddess by drawing only articles of clothing.”

²⁸ Texto original: “Son los cuatro rumbos del universo, en cuya intersección está el centro generador de energía, de tal forma que el punto central se convierte en la dirección más importante al regir el equilibrio y controlar el tiempo mítico, que circula por él en dirección vertical. Este tiempo se origina de la interacción entre los dioses y sus consecuencias se manifiestan en el tablero sobre el que juegan: la Tierra” (López Austin, p. 72-73, 1989 *apud* BRAVO, p. 65, 2010)

podendo ser curto, médio ou longo, além de conter ou não mangas. Essas eram as principais peças e sofriam algumas modificações de acordo com o tempo e espaço.

Malinche é representada no Lenço de Tlaxcala utilizando ambas as peças, além de sapatos no estilo europeu. Leio a mescla entre Europa e Mesoamérica como uma opção dos autores do Lenço para enfatizar o papel de Malinche como mediadora, alguém no entre-lugar de duas culturas distintas.

Pensando mais especificamente em como é representado o *huipil* de Malinche no Lenço de Tlaxcala, podemos estabelecer alguns padrões. Procurei organizar alguns grupos de *huipil* que minimamente se pareçam entre si, a fim de sistematizar uma análise mais específica. Não podemos ver o *huipil* nas lâminas 05, 15 e 21; ele é completamente branco nas de número 03 e 48; tem fundo branco com algum desenho nas células 02 e 06; é quadriculado nas lâminas 07, 08, 09, 27, 28 e 29 e é completamente laranja nas 04, 11, 14, 19, 20 e 45.

O *huipil* da lâmina 23 possui fundo branco e algumas listras vermelhas, enquanto o da célula 26 é estampado com listras brancas e laranjas. Mesmo que não haja outro *huipil* no Lenço com a mesma estampa desses, eles têm estilo parecido com os demais e no geral ainda condizem com os outros padrões anteriormente citados. Ademais, como dito por Aguilera, tanto o *huipil* quanto o *cueitl* de Malinche possuem padrões tlaxcaltecas (AGUILERA, p.14, 2014).

Com o intuito de facilitar nossa análise, elaborei uma tabela (ver figura 8) na qual está caracterizado como é o *huipil* de Malinche em cada uma das células do Lenço de Tlaxcala. As vinte e duas células são apresentadas de duas formas: um fragmento do Lenço com enfoque específico na Malinche e uma descrição por escrito, feita por mim, de como é o *huipil* da cena em questão. Os recortes das células foram de minha autoria e, assim como todas as outras lâminas apresentadas nessa pesquisa, baseados no Lenço de Tlaxcala disponibilizado pelo site *Explore Mesolore*.

Número da lâmina	Descrição escrita	Fragmento
02	Fundo branco com a parte central quadriculada laranja com símbolos e as partes das extremidades lisas com símbolos. Barra decorada com listras na diagonal.	
03	Fundo branco e barra com listras na diagonal.	
04	Fundo laranja, detalhe na parte central superior e barra brancos.	
05	Não é possível descrevê-lo.	
06	Detalhe na parte central superior, barra e fundo brancos. Quadriculado com listras vermelhas e símbolos.	

07	Parte superior tem fundo branco e quadriculado com listras laranjas. Detalhe superior e barra têm fundo branco. Parte inferior tem fundo e quadriculado com listras laranjas.	
08	Fundo branco com quadriculado de listras laranjas. Detalhe superior branco. Parte lateral direita tem fundo laranja.	
09	Fundo branco com quadriculado de listras laranjas. Detalhe superior tem fundo branco e um símbolo no centro.	
11	Fundo laranja. Barra e detalhe superior são brancos.	
14	Fundo inferior laranja com tom amarelado. Detalhe superior tem fundo branco. Parte superior tem fundo branco e quadriculado de listras vermelhas.	
15	Não é possível descrevê-lo.	

19	Fundo inferior em tom leve de laranja. Parte superior tem fundo branco e quadriculado de listras vermelhas. Barra branca com detalhe em vermelho.	
20	Fundo inferior laranja. Parte superior e barra são brancas.	
21	Não é possível descrevê-lo.	
22	Fundo laranja e barra branca. Estampa trabalhada.	
23	Fundo branco com listras verticais vermelhas. Barra quadriculada em amarelo e vermelho. Detalhe metade branco e metade amarelo.	
26	Não é possível descrevê-lo.	

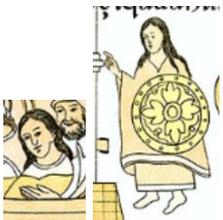
27	Fundo e quadriculado de listras laranjas. Detalhe superior tem fundo laranja e símbolo no centro. Barra branca com quadriculado branco e laranja.	
28	Fundo branco com quadriculado de listras vermelhas. Detalhe superior branco. Barra estampada com fundo branco.	
29	Fundo branco com quadriculado de listras laranjas. Barra branca e laranja. Detalhe superior branco.	
45	Imagem à esquerda: parte superior branca e inferior é laranja. Imagem à direita: fundo laranja e barra branca.	
48	Fundo, detalhe superior e barra são brancos.	

Figura 8: Tabela *huipil* Malinche no Lenço de Tlaxcala

Fonte: Acervo pessoal

Ao somar as lâminas que explicitarei anteriormente, chegamos ao total de vinte e uma. Sabemos que Malinche aparece em vinte e duas células, então, qual foi a que ainda não citei? Essa será nosso próximo material de discussão, a célula de número 22 (ver figura 9). O contexto da cena representada nessa lâmina é o seguinte: quando estavam a caminho de Tenochtitlan, o exército do qual Malinche fazia parte atacou Tepetzotlan e no retorno, sabendo que o exército havia sido derrotado pelos astecas, os habitantes de Tepetzotlan se organizaram em um ataque de revanche. Alfredo Chavero conta que “As pedras e flechas direcionadas ao *teocali* simulam o ataque; e a derrota dos índios, um morto no fundo, e outro que cai em frente ao templo ferido pela lança de um cavaleiro.”²⁹ (CHAVERO, p. 46, 1892). Enquanto Josefina Quintana e Carlos Marín afirmam que

[...] os relatores da conquista, embora apontem uma perseguição constante até Tepetzotlán, não relatam que os espanhóis foram perseguidos e encerrados no templo, mas sim que puderam descansar ali uma noite e que os habitantes fugiram, sabendo que aqueles se aproximavam, deixando a vila na mãos do exército aliado.^{30 31}

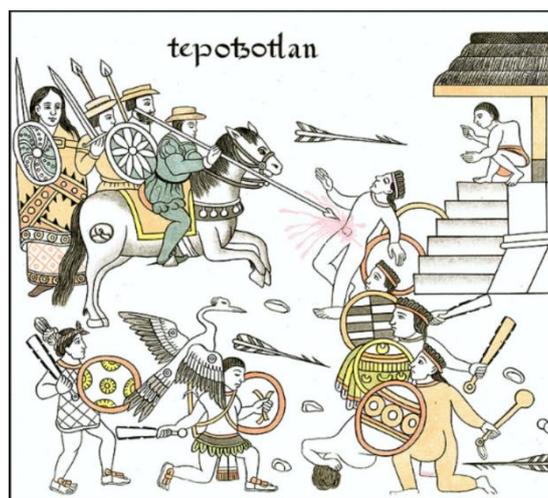


Figura 9: Lâmina 22 do Lenço de Tlaxcala

Fonte: Site *Explore Mesolore*

²⁹ Texto original: “Las piedras y flechas dirigidas al teocali, simulan el ataque; y la derrota de los indios, un muerto en la parte inferior, y otro que cae delante del templo herido por la lanza de un caballero.” (CHAVERO, p. 46, 1892)

³⁰ <https://lienzodetlaxcala.unam.mx/lamina-22/> (acesso em 13 de junho de 2023)

³¹ Texto original: “[...] los relatores de la conquista, aunque señalan una constante persecución incluso hasta Tepetzotlán, no dan noticia de que los españoles han sido perseguidos y encerrados en el templo, sino más bien de que pudieron reposar allí una noche y de que los moradores huyeron al saber que aquellos se acercaban dejando el pueblo en manos del ejército aliado.”

Além da garça, correspondente ao estandarte de Tizatlan, podemos ver Malinche. Ela aparece no canto superior esquerdo da célula, empunhando uma espada e um escudo. Aguilera aponta que a adição desse armamento pode ter sido elaborada pelos autores do Lenço para sugerir Malinche como representativa do grupo dos guerreiros tlaxcaltecas (AGUILERA, p.17, 2014).

Quando comecei a pesquisar sobre Malinche e o Lenço, ainda bastante sem rumo, me atentei especificamente ao *huipil* dela nessa célula. Essa foi a pergunta geradora da pesquisa aqui desenvolvida: por que esse padrão de *huipil* é único e qual o motivo de ser na célula 22? Ao meu ver, o mais interessante nessa lâmina é que o *huipil* é completamente distinto de todos os outros representados em todo o decorrer do Lenço, além de ser mais trabalhado e detalhado. Existem infinitas hipóteses para esse questionamento e até o atual momento observei apenas o site da UNAM ³² falar objetivamente sobre essa questão.

O primeiro passo para começarmos a desvendar essas perguntas é nos questionarmos se essa representação foi intencional ou não. Do início ao fim, o Lenço é minuciosamente pensado e articulado a vários discursos. Se não todos, pelo menos a grande maioria dos elementos nele representados tem seu porquê de ali estar. A partir desse posicionamento, considero que os autores inseriram deliberadamente um padrão de *huipil* que diverge dos demais e acredito que haja uma motivação para tal.

Também é necessário realizarmos um panorama e compararmos a lâmina 22 às outras oito que, assim como ela, representam confrontos, batalhas e conflitos armados. A primeira célula desse tipo na qual Malinche aparece é a de número 9 (ver figura 10). Nela acompanhamos o massacre de Cholula, no qual Malinche teria descoberto o ataque surpresa da população de Cholula contra os espanhóis e seus aliados, e avisado à Cortés. Assim, o ataque surpresa foi completamente frustrado e se tornou um massacre.

³² <https://lienzodetlaxcala.unam.mx/>

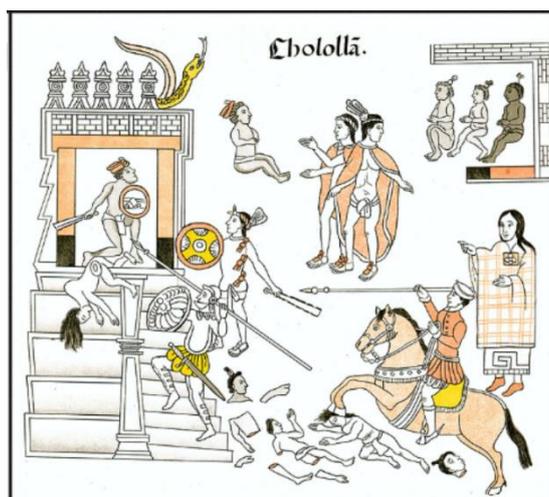


Figura 10: Lâmina 09 do Lenço de Tlaxcala

Fonte: Site *Explore Mesolore*

Malinche está do lado direito da lâmina apontando para o templo e para o acontecimento do massacre em si. Sua presença nessa célula em específico pode ser um indicativo de seu importante papel no evento. A lâmina mostra a violência que envolveu o ocorrido através de corpos esquartejados no chão e um cavalo pisoteando outro corpo. Como dito anteriormente, o *huipil* dessa célula é quadriculado formado por um fundo branco e linhas laranjas – padrão comum à outras células – além de um pequeno retângulo no centro superior com fundo laranja e um símbolo branco.

Temos um cenário completamente diferente na lâmina 14 (ver figura 11). Malinche mantém a formação da mão da mesma maneira que na célula 09, mas ocupa um papel distinto, sendo envolvida pelo exército. Seu *huipil* é laranja e possui um detalhe na parte superior de fundo branco e linhas vermelhas.

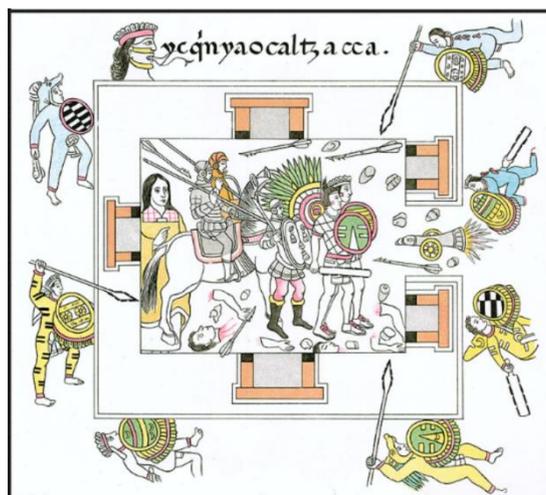


Figura 11: Lâmina 14 do Lenço de Tlaxcala

Fonte: Site *Explore Mesolore*

Malinche também faz parte do exército na lâmina 15 (ver figura 12), porém está mais escondida. Podemos apenas ver seu rosto, sendo impossível descrever como é seu *huipil*. Ainda assim, é possível destacar o tamanho do seu rosto e sua centralidade espacial na célula. Atrás dela existe uma forma que parece a de uma espada, sendo bem similar à da célula 22. Sobre essa célula, Magda Seger assinala dois pontos. O primeiro deles é que Malinche, por não estar com nenhum tipo de arma ou escudo, depende da vitória dos espanhóis para manter sua defesa e sobrevivência. O segundo ponto é que não sabemos qual foi o papel dela no episódio na lâmina representado, mas que o fato dela estar na cena automaticamente revela o seu protagonismo.

Ao meu ver essa interpretação é excessivamente literal e o fato de algo estar presente no Lenço não significa necessariamente que esteve presente no momento histórico retratado. A presença de Malinche poderia ser por exemplo espiritual, ou mesmo física, mas não obrigatoriamente como protagonista. O mesmo argumento vale para o primeiro ponto, visto que a ausência de armamento pode ter sido uma opção dos autores para compor uma imagem idealizada por eles de quem foi Malinche.

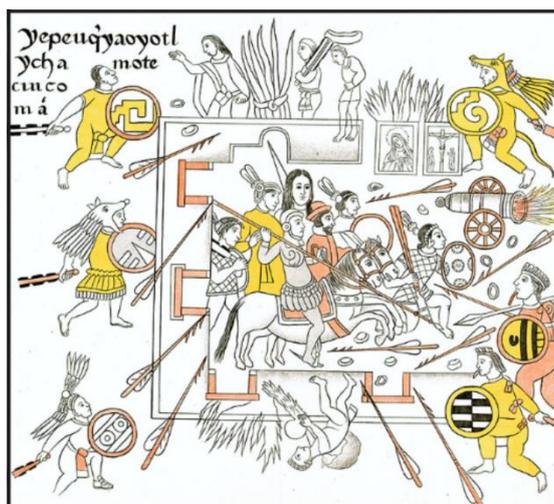


Figura 12: Lâmina 15 do Lenço de Tlaxcala

Fonte: Site *Explore Mesolore*

Na lâmina 19 (ver figura 13) parece estar representada não uma batalha propriamente dita, mas uma demonstração de força e contingente, um pós batalha. Malinche está com as palmas das mãos viradas para ela mesma e seu *huipil* é laranja, com detalha superior de fundo branco e linhas vermelhas, além de uma barra inferior da mesma cor. Nessa célula podemos identificar outra personagem feminina, que seria Doña Luísa, a filha de Xicotencatl, *tlatoani* de Tizatlan.

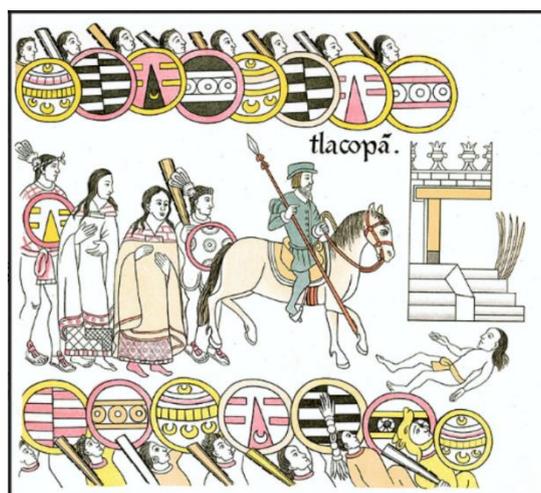


Figura 13: Lâmina 19 do Lenço de Tlaxcala

Fonte: Site *Explore Mesolore*

A lâmina 20 (ver figura 14), igualmente, não parece uma cena de batalha, mas podemos ver corpos no chão e armas postas. Malinche compõe a cena como uma mediadora, ao lado de Cortés. Uma de suas mãos aponta provavelmente para um dos governantes de Tlaxcala e a outra está com a palma virada para si. Seu *huipil* é laranja, com a barra e o detalhe superior de cor branca.

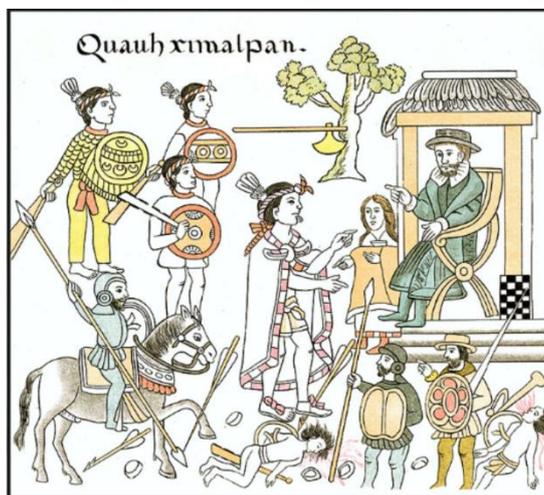


Figura 14: Lâmina 20 do Lenço de Tlaxcala

Fonte: Site *Explore Mesolore*

Assim como em outras lâminas, nas de número 21 e 26 (ver figuras 15 e 16 respectivamente) é difícil identificar se Malinche faz parte do contingente do exército, ou se está sendo protegida por ele. Em ambas não conseguimos ver seu *huipil* de forma completa, mas na célula 21 ele parece ter o fundo branco, enquanto na 26 é laranja.

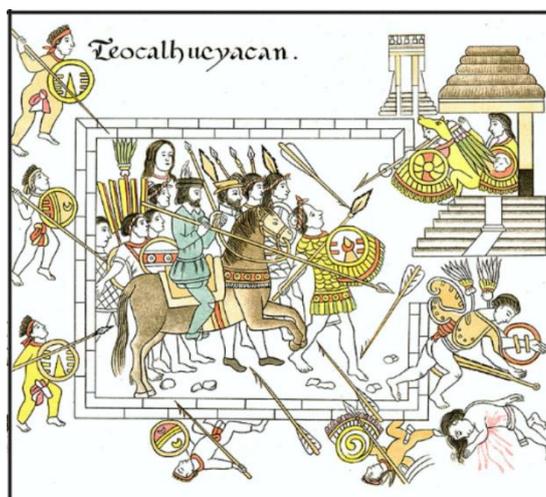


Figura 15: Lâmina 21 do Lenço de Tlaxcala

Fonte: Site *Explore Mesolore*

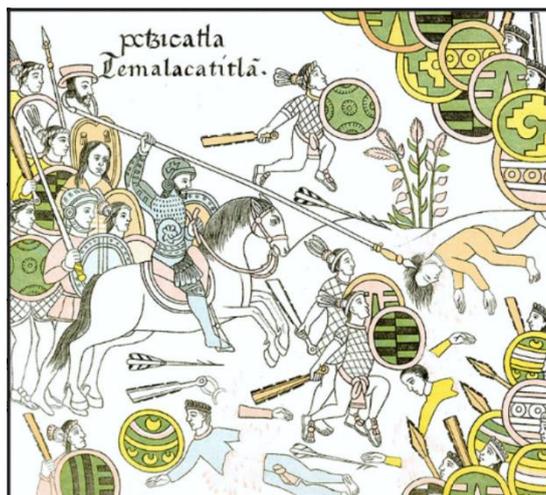


Figura 16: Lâmina 26 do Lenço de Tlaxcala

Fonte: Site Explore Mesolore

Por fim, passaremos pela lâmina 45 (ver figura 17), extremamente interessante. Essa é a única célula do Lenço em que Malinche aparece duplicada, repetida, ou seja, duas vezes. Podemos dividir a cena representada em duas partes: terra e água. Na parte da terra vemos Malinche, entre os outros personagens da cena, segurando um escudo com uma de suas mãos e apontando com a outra. Seu *huipil* é completamente laranja. Já na parte da água, a vemos em uma embarcação com outros homens. Seu *huipil* é laranja com detalhe superior branco e a palma de sua mão está virada para ela mesma. Um dos motivos para essa dupla representação pode ser a sobreposição de cenas.

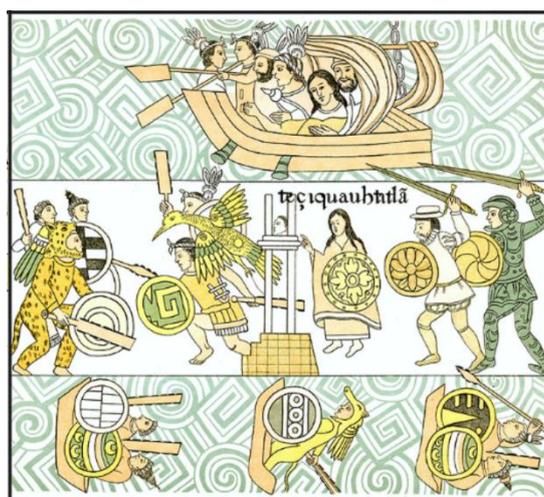


Figura 17: Lâmina 45 do Lenço de Tlaxcala

Fonte: Site *Explore Mesolore*

Mesmo restringindo nossa análise apenas às lâminas de batalhas e confrontos, o *huipil* da célula 22 permanece em destaque, sendo distinto dos demais. Assim, a lâmina número 22 do Lenço de Tlaxcala se coloca em uma posição ímpar. Toda a pesquisa desenvolvida até o momento surgiu da minha inquietude com essa singularidade, procurando entender o motivo – se é que há um – pelo qual existe esse destaque. Ainda não tenho nenhuma resposta nesse sentido, apenas perguntas que serão alvo de futuras pesquisas.

A partir do conceito de *teixiptla*, existiria alguma conexão entre o *huipil* dessa lâmina e uma representação de Malinche como deusa ou deus no momento apresentado na cena? Os autores são intensamente cuidadosos e não acredito que essa diferenciação de padrão seja algo trivial ou estético, especialmente considerando a importância que a indumentária ocupava na sociedade mesoamericana. Ademais, o Lenço é construído por narrativas que a todo momento se justificam e se demonstram mais complexas, repletas de significados e mensagens.

O *huipil* da Malinche é objeto de estudo não apenas no Lenço de Tlaxcala, mas também no acervo no INAH (*Instituto Nacional de Antropología e Historia*). No arquivo digital do instituto existe a imagem de um *huipil* que, pela similaridade às ilustrações do Lenço de Tlaxcala, foi denominado como “*huipil de la Malinche*”.



Figura 18: “*Huipil de la Malinche*”

Fonte: Instituto Nacional de Antropología e Historia (INAH)

Conclusão

O Lenço de Tlaxcala representa Malinche como uma personagem marcante e significativa. A partir do seu objetivo de comprovar a lealdade dos tlaxcaltecas aos espanhóis e conquistar determinados privilégios, os autores do Lenço constroem uma narrativa na qual Malinche é central e, mais importante, um joia de Tlaxcala. Assim, é uma espécie de comprovante que afirma o fato de que foi graças ao *altépetl* que os caminhos de Cortés e Malinche se cruzaram e a Conquista foi, se não possibilitada, pelo menos facilitada.

É importante destacar que o Lenço de Tlaxcala possui uma representação da Malinche com um objetivo, em um tempo e espaço específicos. Todos esses fatores, além dos próprios autores do documento, vão interferir em como a representação é organizada e produzida. As outras fontes aqui analisadas, como as de Hernan Cortés e Bernal Díaz del Castillo, igualmente terão suas peculiaridades e produzirão narrativas singulares sobre Malinche. A representação é polissêmica, socialmente construída e possui um objetivo.

Existem inúmeras representações da Malinche: outras crônicas e códices, séries televisivas, quadros, murais, esculturas, livros, filmes, e cada uma delas conta a sua própria história. Uma das maiores discussões sobre sua memória é se ela foi uma traidora ou heroína. Muitos a julgam como culpada pela Conquista e desleal ao grupo que supostamente pertencia, os indígenas³³. Outros a consideram uma conquistadora e responsável por amenizar a violência espanhola.

Oportunista para uns e ícone feminista para outros, Malinche ocupa diversos espaços em narrativas distintas. Também é considerada a amante de Cortés - algumas vezes em um tom romântico – e mãe do conhecido como primeiro mexicano, Martín, cujo pai é Hernan Cortés. Existe um vulcão originalmente denominado como Matlalcueye, que durante o período colonial foi rebatizado, vindo a se chamar La Malinche. Ele era “[...] o

³³ Essa interpretação considera “indígenas” como uma categoria de um grupo único e homogêneo, desconsiderado suas pluralidades e diferenças. Além de manter uma divisão rígida de exércitos espanhol e indígena.

grande vulcão que dominava a paisagem de Tlaxcala, e era uma parte integral a paisagem sagrada do altépetl”³⁴ (NAVARRETE, p. 305, 2007).

Octavio Paz discorre em uma de suas obras sobre o grito mexicano “Viva México, filhos da Chingada!”. “A Chingada é a Mãe aberta, violada ou seduzida pela força. O “filho da Chingada” é o fruto da violação, do rapto e da burla.” (PAZ, p.75, 2006). Quem seria a Chingada se não Malinche? O autor afirma que esse grito é obrigatório nas comemorações do dia 15 de setembro, data que marca a independência do México.

Houve um desfile no ano de 1910, na Cidade do México, sob o governo de Porfirio Díaz, para celebrar o centenário da independência mexicana. Nele foi contada a história do país a partir de uma perspectiva determinada. A representação de Malinche estava presente em uma das alas que compunham a parada. A imagem a seguir foi catalogada pelo INAH como “Mulheres personificam a Malinche e sua corte durante o desfile do Centenário”³⁵.



Figura 19: Desfile centenário da independência do México

Fonte: Instituto Nacional de Antropología e Historia

³⁴ Texto original: “[...] el gran volcán que dominaba el paisaje de Tlaxcala, y que era una parte integral del paisaje sagrado del altépetl [...]” (NAVARRETE, p.305, 2007)

³⁵ <https://mediateca.inah.gob.mx/repositorio/islandora/object/fotografia%3A54208> (acesso em 13 de junho de 2023)

É interessante termos uma visão crítica sobre essa representação e nos questionarmos sobre os motivos pelos quais Malinche teve espaço nesse desfile, como sua imagem foi abordada e sua história contada. Também podemos observar que a indumentária da mulher que a representa é composta, além de outros elementos, por um *huipil*.

Amparo Ochoa, cantora e compositora mexicana, é autora de uma música chamada “La Maldición de Malinche”. Os últimos versos dizem o seguinte:

[...] Tú, hipócrita, que te muestras
Humilde ante el extranjero, pero te vuelves soberbio
Con tus Hermanos del Pueblo

Oh, maldición de Malinche
Enfermedad del presente, ¿Cuándo harás libre a mi
gente?
(OCHOA, La Maldición de Malinche, 1984)

A cantora aponta que Malinche amaldiçoou seu povo, mas que maldição seria essa? O “*malinchismo*” é a resposta. De acordo com o Dicionário da língua espanhola (DLE), o *malinchismo* tem sua origem em Malinche e significa “atitude de quem demonstra apego ao estrangeiro com menosprezo pelo próprio”³⁶. Em outras palavras, é quem prefere o estrangeiro ao nacional, que como Ochoa diz, é humilde com o estrangeiro e soberbo com os irmãos. Esse conceito está diretamente ligado à memória histórica de Malinche como a traidora que escolheu ficar ao lado dos espanhóis e não dos indígenas, seus irmãos. *Malinchismo* é um xingamento, uma palavra pejorativa cuja criação se encontra baseada em uma narrativa criada tanto sobre Malinche quanto sobre a Conquista.

Por fim, o objetivo dessa pesquisa não é indicar um juízo de valor e determinar se Malinche foi vilã ou mocinha, protagonista ou antagonista. Procurei alcançar através da representação da Malinche no Lenço de Tlaxcala como essa personagem é representada, com quais objetivos e a partir de qual narrativa, ou seja, como se dá a construção dessa representação. Esse trabalho também tem como propósito primordial colocar essa figura em destaque e debate, pois muitas vezes e por diferentes motivos, sua agência é invisibilizada. Aqui também há um viés de indicar possibilidades de pesquisas dentro de um tema maior, como por exemplo a indumentária e o processo de tradução.

³⁶ <https://dle.rae.es/malinchismo?m=form> (acesso em 13 de junho de 2023)

A história de Malinche ter cruzado o meu caminho foi especial. Desejo que essa pesquisa seja uma potência para mais estudos sobre sua figura não apenas na Conquista, mas também sobre como sua história reverbera até os dias atuais e faz parte do cotidiano. Não sendo o caso, pelo menos tenho a certeza de que qualquer pessoa que venha a ler essas páginas até o final vai se sentir minimamente tocado por essa fascinante trajetória. Quando passar essa história adiante, não resuma Malinche à amante de Cortés, mas fale sobre seu papel como tradutora, como mulher, negociadora, conquistadora. Fale sobre como sua memória é viva e segue sendo construída.

Fontes

Archivo General de Indias. “Méritos y servicios: doña Marina [Malintzin]”. México, Patronato, 56, n.3, r.4. Disponible em: <http://pares.mcu.es/ParesBusquedas20/catalogo/show/122683>

CASTILLO, Bernal Díaz del. “Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España”. Tomo I, editorial Pedro Robredo, México, D. F., 1939. Disponible em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/historia-verdadera-de-la-conquista-de-la-nueva-espana-tomo-i--0/html/481f665e-69c1-4064-9d6a-6333c5711ecc.htm>

CHAVERO, Alfredo. “Explicación del Lienzo de Tlaxcala”. In: *Antigüedades Mexicanas*. Junta Colombina Mexicana, 1892. Disponible em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/homenaje-a-cristobal-colon--0/html/65ae8d17-90e4-4ac2-81e4-64d5cb62db20.html>

CORTÉS, Hernan. “Cartas y Relaciones de Hernan Cortés al emperador Carlos V”. Imprenta Central de los Ferro-Carriles, 1866. Disponible em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/cartas-y-relaciones-de-hernan-cortes-al-emperador-carlos-v-974782/>

Manuscrito de Glasgow. “Reconstrucción Histórica Digital del Lienzo de Tlaxcala”. Projeto PAPIME PE405219. Instituto de Investigaciones Históricas, UNAM. Disponible em: <https://lienzoatlaxcala.wordpress.com/manuscrito-de-glasgow/>

Referência Bibliográfica

- ABANG, Jasmine A. “Malintzin: The burried voice of the Spanish conquest”. The Toro Historical Review, v. 8, n.1, 2020.
- AGUILERA, Elizabeth. “Malintzin as a Visual Metaphor in the Lienzo de Tlaxcala”. Hemisphere: Visual Cultures of the Americas, v.7, p. 8 – 24, 2014.
- BAKEWELL, Liza e HAMANN, Byron. “Introduction to the Lienzo de Tlaxcala”. Site Explore Mesolore, Estados Unidos da América, Providence. Disponível em: <http://www.mesolore.org/tutorials/learn/19/Introduction-to-the-Lienzo-de-Tlaxcala-/53/Description>
- _____. “Clothing: Skirt, Huipil”. Site Explore Mesolore, Estados Unidos da América, Providence. Disponível em: <http://www.mesolore.org/tutorials/learn/24/Clothing-Skirt-Huipil>
- BRAVO, Isabel Bueno. “El Lienzo de Tlaxcala y su lenguaje interno”. Anales del Museo de América, v.18, p. 56 – 77, 2010.
- FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. HORA AMERICANA: “A Conquista do México e suas interpretações”. Episódio n. 14, 11 de dezembro de 2020.
- NAVARRETE, Federico. “Quem conquistou o México?”. Conferência online ANPHLAC, 2020.
- _____. “La Malinche, la Virgen y la montaña. El juego de la identidad em los códices tlaxcaltecas.”. Revista História, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 288 - 310, 2007.
- _____. “Malinche a ojos de los indígenas”. Site Noticonquista, México. Disponível em: <https://www.noticonquista.unam.mx/amoxtli/372/363>
- LEÓN-PORTILLA, Miguel. Códices: *Os antigos livros do Novo Mundo*. Editora da UFSC, Florianópolis, 2012.
- PAZ, Octavio. “Os filhos da Malinche”. In O labirinto da solidão. Editora Paz e Terra, p. 62 – 82, 2006.
- RESTALL, Mathew. Sete mitos da Conquista Espanhola. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.
- RODRÍGUEZ, Manuel Núñez. “El Lienzo de Tlaxcala ¿ Otra forma de escribir la historia?” Semata, Ciências Sociais e Humanidades, v.24, p. 55 – 72, 2012.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. “Usos historiográficos dos Códices Mixteco-Nahuas”. Revista de História, v. 153, p. 69 – 115, 2005.

SEGER, Magda Fabiane. "La Malinche, D. Marina, a "lengua" de Cortés segundo o "Lienzo de Tlaxcala"". São Leopoldo, 2014. Dissertação do Curso de Pós-Graduação em História (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

TODOROV, Tzvetan. "A conquista da América: a questão do outro". WFM Martins Fontes, São Paulo, 2019.